

CONVERSAS SOBRE CAMINHOGRAFIA URBANA: A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRAR-SE NA CIDADE

ALISSA ALVES¹; PAULA PEDREIRA DEL FIOLO²; EDUARDO ROCHA³

¹Universidade Federal de Pelotas – e-mail do autor 1

²Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Conversas Sobre Caminhografia Urbana” é uma ação de extensão que tem como objetivos: entrevistar pesquisadores referentes no Brasil e exterior na área de “caminhografia urbana”, para ampliar as conexões e atravessamentos dos diferentes entendimentos dessa prática nos estudos acadêmicos; estimular a prática de experiência urbana a partir do exercício da caminhografia urbana (caminhar e cartografar, quase que concomitantemente), a fim de potencializar e intensificar a vivência nas cidades da contemporaneidade e; criar pistas para a utilização da prática da “caminhografia urbana”, aos modos de vida urbana e arquitetônica emergentes e em constante transformação, que qualificam e contradizem as cidades latino americanas.

O projeto faz parte do projeto unificado de pesquisa “Caminhografia Urbana” (<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>), desenvolvido pelo Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com financiamentos do CNPq e FAPERGS.

A caminhografia urbana vem sendo gestada como metodologia de pesquisa desde 2019, tendo como origens e atravessamentos teóricos a cartografia deleuze-guattariana (1995) e a transurbância pregada pelo teórico italiano Francesco Careri (2014), caminhando e cartografando a/na cidade em busca formas e conteúdos que provoquem novas respostas, questionamentos e criações (Fig. 1).

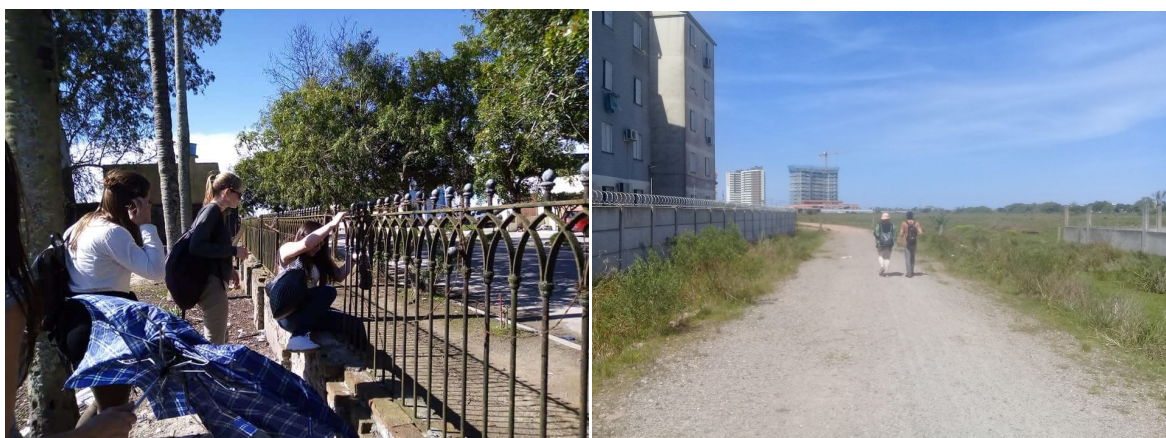


Figura 1: “Caminhografias Urbanas” realizadas pelo grupo. Fonte: dos autores, 2019.

2. METODOLOGIA

A metodologia do “conversas” prevê encontros semanais, todas às segundas-feiras, das 17h00min às 18h00min, previamente combinados e divulgados, acontecendo via *Google Meet* (meet.google.com/fin-rpcb-oaq) com pesquisadores, professores, líderes comunitários, grupos de ONGs, etc; que são referência na prática do caminhar e/ou cartografar (Fig.2).

O público alvo participante é muito diverso, sendo formado por acadêmicos, agentes do poder público e comunidade em geral, todos interessados em dinâmicas e metodologias que possam ser utilizadas para o mapeamento de territórios e populações.

Os convidados têm espaço para expor suas pesquisas, experiências, em um tempo de vinte a trinta minutos, fazendo ou não uso de apresentações ilustradas. Após a exposição, a conversa é aberta aos participantes, são realizadas perguntas e comentários sobre a exposição feita, assim como discussões que visam investigar/explorar o método.

Todas as sessões são gravadas e disponibilizadas posteriormente em canal do youtube e página do projeto unificado (<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/encontrar/>). Essas conversas estão sendo transcritas, para posterior envio aos convidados e organização de publicação (Ebook) sobre caminhografias, também semanalmente são emitidos atestados de participação.

1o. semestre | 2022



2o. semestre | 2022

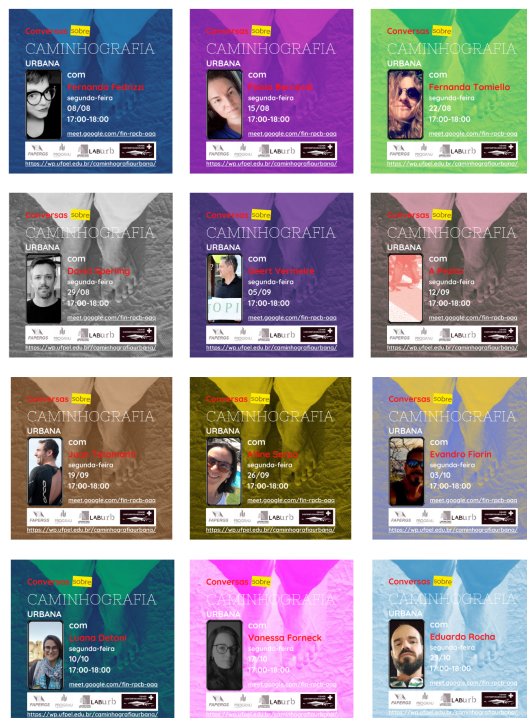


Figura 2: Material de divulgação das conversas durante o 1o. e 2o. semestre de 2022. Fonte: dos autores, 2022 .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como principal resultado até o momento ocorreram 15 encontros e estão previstos até o final do mês de novembro mais 12 conversas, sempre às segundas-feiras, de forma remota.

Os convidados são das origens mais diferentes: arquitetos, urbanistas, artistas, filósofos, psicólogos, etc; tanto pesquisadores acadêmicos como líderes de ONGs e comunitários, assim como o público participante. Ressalta-se que por serem realizadas de forma virtual, abre-se a possibilidade de receber público e convidados dos mais diversos lugares do Brasil: Pelotas, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Bahia, Espírito Santo, Pará, Santa Catarina; como também de países como Argentina e Bélgica.

Alguns convidados são egressos do Laboratório de Urbanismo/FAUrb/UFPel, que voltam para relembrar suas pesquisas, ações e metodologias, em trabalhos anteriores que originaram a “Caminhografia Urbana”.

Algumas questões têm sido recorrentes nas conversas: 1) a imprevisibilidade com o qual nos deparamos ao caminhar, na prática de um método processual; 2) as mais variadas formas de registro das cartografias: mapas, fotografias, vídeos, desenhos, instalações, etc.; 3) o mapeamento de culturas locais e diversificadas, que se escondem nas brechas da cidade; 4) a influência de diversos métodos e movimentos históricos relacionados ao caminhar: como as deambulações, as errâncias, as transurbâncias, os trajetos, os passeios, etc e; 5) existe uma diluição das hierarquias professor/aluno, adulto/criança, academia/comunidade quando se está caminhando na rua.

Paulo Freire, quando experimenta conversas, no “Círculos de Cultura”, acredita que proporcionam inversões de saberes, quando coloca o professor no lugar do sujeito aprendente, e vice-versa, possibilitando diálogos e escuta entre teoria e prática, construindo um novo conhecimento (FREIRE, 2001). As “Conversas sobre Caminhografia Urbana” é uma reflexão-na-ação, manifestada num saber-fazer-poder do caminhar e cartografar o urbano nas cidades da contemporaneidade.

4. CONCLUSÕES

As conversas são importantes momentos de encontro sobre as caminhografias urbanas. As caminhografias são muito diversificadas e múltiplas, sendo esse um método ainda em construção.

Provisoriamente estamos traçando pistas a partir das conversas e de experimentos do caminhar, pistas da caminhografia urbana. Até o momento foram traçadas 10 pistas provisórias (UFPel, 2022), destacamos, que caminhografar:

- é andar a pé – caminhar, tocar o solo passo por passo, andar e cartografar – mapear, registrar seja como for a experiência em processo, em casos especiais pode-se caminhografar em máquinas (próteses): skates, bicicletas, cadeiras de rodas, etc.
- podemos caminhografar trajetos, caminhos, errâncias, deambulações e/ou coreografias; pela cidade, o bairro, a rua, os campos, em lugares públicos-privados, interior-exterior e dentro-fora, sem limites e livres.
- pode-se caminhografar solitariamente, em duplas, em grupos e com multidões; cada qual com a sua(s) atenção; a atenção do caminhógrafo

deve estar sempre acesa e disponível para qualquer novo movimento e/ou permanências.

- caminhografa-se sempre na busca de encontros com o minorizado, do indizível, do resistente, do silenciado e dos possíveis novos propulsores de vida; a caminhografia é sempre sobre/com/de alguma coisa (singular).
- os registros caminhográficos podem ser mapas, fotografias, vídeos, sons, desenhos, sensações, narrativas, anotações, gráficos, intervenções, jogos, coreografias, etc.
- toda a experiência sentida está diretamente relacionada à geografia (entre-lugares), ao tempo (entre-e ao corpo caminhógrafo (entre-corpo); todos os meios interferem nos resultados, sejam climatológicos, a sua localização no mundo, relacionados ao relevo, a natureza das espécies, a condição física do caminhógrafo, etc.; caminhografa-se na direção da experiência brasileira e latino-americana da prática.
- a velocidade que se caminhografa, muda conforme cada experiência, pode-se deslocar lentamente ou com mais rapidez, parar, descansar e até correr caminhografando; ainda assim, como diz Francesco Careri “quem perde tempo, ganha espaço” (Francesco Careri).
- as cartografias podem ser produzidas antes, durante e depois da caminhada – em simultaneidade (a própria caminhografia); ressalta-se que as geradas/registradas enquanto caminhadas apresentam um alto grau de potência e intensidade.
- pode-se jogar durante a caminhografia, jogar com a cidade e as pessoas, com os encontros e as coisas; um jogo solitário do caminhógrafo com a urbe ou um jogo interventivo com as arquiteturas, os lugares e as pessoas.
- enquanto caminhografamos pensamos, sobre o caminho e as coisas, sobre o mapa e/ou sobre outras coisas, divagamos, produzimos subjetividades, agenciamos diferenças e esquizoanálises e; também podemos agir durante a caminhografia: planejando, projetando e construindo coisas.

Vislumbramos, uma metodologia que pode possibilitar: registrar, jogar e criar com a cidade. Tudo ao mesmo tempo e agora. Caminhografia Urbana é política de vida!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

DELEUZE, Gilles, & GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

UFPEL. Caminhografia Urbana. Website, Pelotas, 19 ago. 2022. Acessado em 19 ago. 2022. Online. disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>